

CONHECIMENTO DE ESTUDANTES A RESPEITO DE CONCEITOS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Ana Paula Porto Noronha*
Camila Rafaela Baldo#
Marília Cristina de Almeida¶
Joseane Vasconcellos de Freitas^æ
Patrícia Fagnani Barbin^Æ
Juliana Cozoli^Æ

RESUMO. O objeto de estudo do presente trabalho é a formação em avaliação psicológica. O ensino de avaliação tem sido considerado um problema central na formação em psicologia, tendo-se em vista que diferentes autores têm apontado para uma relação entre atuações profissionais impróprias e formação inconsistente na área. O trabalho tem como objetivo analisar o conhecimento que estudantes de psicologia e de engenharia têm a respeito de conteúdos relativos à avaliação psicológica. Participaram 193 sujeitos, sendo 47 do curso de engenharia e 146 do curso de psicologia de uma instituição privada do Interior paulista. Para a realização do estudo elaborou-se um questionário contendo 35 itens dicotômicos, abordando questões sobre o conceito de avaliação psicológica, aprendizagem e uso de instrumentos. As aplicações ocorreram coletivamente em sala de aula. Os resultados evidenciaram que o Grupo 2 (psicologia) apresentou melhor desempenho que o Grupo 1 (engenharia) em grande parte das questões, tendo havido diferença significativa entre os grupos em 20 deles.

Palavras-chave: avaliação psicológica, formação profissional, testes psicológicos.

STUDENTS KNOWLEDGE REGARDING PSYCHOLOGICAL ASSESSMENT CONCEPTS

ABSTRACT. The vocational training in psychological assessment is the focus of the present study. The assessment education has been considered a central problem in the psychological vocational training considering that different authors have pointed to a relation among unsuitable professional performances and inconsistent vocational training in this area. The present study analyzed the psychology and engineering students' knowledge about psychological assessment concepts. Participated 193 students, from an institution of education in the interior of São Paulo. For the accomplishment of the study a 35 items test was elaborated with dichotomic questions, whose objective was to investigate the concept of assessment, the learning process and use of tests. The results showed that group 2 (psychology) had obtained a better achievement in many questions than group 1 (engineering), and that test revealed a significant difference between the two groups in 20 items.

Key words: psychological assessment, vocational training, psychological tests.

A psicologia é uma área relativamente nova como campo de ensino, pesquisa e ciência no Brasil. Sua origem pode ser registrada em meados do século XIX, tomando-se como referência as escolas normais e os

laboratórios experimentais nos centros de desenvolvimento de testes. Mas a consolidação da psicologia enquanto profissão se deu com a promulgação da Lei n.º 4.119, que visou à

* Doutora em “Psicologia: ciência e profissão” pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Universidade São Francisco.

Bolsista de Iniciação Científica da Universidade São Francisco (PIBIC/ CNPq).

¶ Bolsista de Iniciação Científica da Universidade São Francisco (PROBAIC).

^æ Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP.

^Æ Aluna voluntária de pesquisa; acadêmicas do curso de psicologia da Universidade São Francisco.

regulamentação das atribuições do psicólogo. No que se refere à formação, do início até os dias atuais houve um crescente aumento de cursos superiores de psicologia. Em contrapartida, a qualidade dos cursos e do profissional formado nem sempre correspondeu ao desejado (Calais & Pacheco, 2001).

Em relação às instituições de formação, autores concordam que parte da responsabilidade por um bom profissional está nas mãos da instituição que o acolhe. Para Witter (1999), o ensino de psicologia tem merecido a atenção de vários pesquisadores, que empreendem uma constante discussão no que se refere à melhoria da qualidade de ensino dos cursos de formação de psicólogos, resultando em práticas profissionais críticas, atualizadas e atentas às demandas sociais. A comissão de especialistas do ensino de psicologia (Sesu – MEC) ressalta dois aspectos imprescindíveis para que os cursos atendam ao objetivo de formar bons profissionais: manter um bom padrão de qualidade e atender a uma proposta de diretrizes curriculares para os curso de psicologia (Bastos, 2001).

Ainda de acordo com o autor, para atingir os dois aspectos citados acima, as instituições se deparam com duas questões relacionadas ao currículo, a primeira das quais se refere às alterações nos currículos de modo a proporcionar habilidades e competências que definam a formação profissional, enquanto a segunda diz respeito à flexibilidade que deve existir no curso.

Pfromm Netto (1991) aponta que a formação em psicologia tem como objetivos atender às necessidades da preparação do profissional e proporcionar aos alunos um conjunto amplo e diversificado de conhecimentos, habilidades e atitudes, com vista a caracterizar a psicologia como ciência e profissão. De acordo com Calais e Pacheco (2001), muitos dos objetivos pretendidos não têm sido atendidos, de forma que os cursos têm oferecido uma visão fragmentada das teorias psicológicas, embora se saiba que é necessária uma formação engajada nos movimentos de transformação social, que privilegie trabalhos em equipes multidisciplinares e gere conhecimento adequado e apropriado para a realidade em que o psicólogo atua.

As dificuldades relativas à formação profissional como um todo também se estendem às áreas específicas da psicologia, como, por exemplo, a avaliação psicológica, objeto de estudo do presente trabalho. O ensino de avaliação está sendo considerado um problema central na formação do psicólogo, considerando-se que parte da responsabilidade por atuações profissionais impróprias se deva a uma formação inconsistente na área.

Há aproximadamente dez anos, Jacquemin (1995) apontou a necessidade de se criar uma programação mínima básica para formação em avaliação psicológica, que deveria levar em consideração a seleção de determinados instrumentos, tendo como critérios facilidade de aplicação, validade e fundamentação teórica sistematizada. O autor afirma que o ensino dos testes deve ser relacionado à qualidade do ensino e não à quantidade dos instrumentos apresentados.

Alguns outros trabalhos foram desenvolvidos, os quais, embora com focos ou objetivos diferentes, fazem considerações semelhantes, ao afirmarem que se faz necessária a renovação curricular na área (Aribi & Cavalini, 1999; Alchieri & Bandeira, 2002; Cruz & Alchieri, 2000). Destaque deve ser dado ao estudo de Sbardelini (1991), no qual a autora afirma haver relação entre mau uso dos testes e formação inadequada. Com relação ao tema, há sugestão de que se reflita sobre quando ensinar testes, o que ensinar e como ensinar.

De acordo com a autora, o aluno da série inicial ainda não tem os conhecimentos básicos e imprescindíveis para a compreensão das técnicas de exame psicológico, pois no primeiro ano o aluno não teve contato com disciplinas específicas de psicologia, apenas estudou áreas afins, como, por exemplo, filosofia e anatomia. Por isso, essa não é a época ideal para que lhes sejam ensinadas disciplinas relacionadas ao estudo de testes psicológicos. Se a disciplina lhes for ensinada nesse momento, a aprendizagem ocorrerá de maneira estática, fechada e incompleta, por estar isolada de qualquer fundamentação teórica mais abrangente, e isso viria a reforçar a visão mecanicista do teste psicológico, tido como simples instrumento que pode ser aprendido e usado isoladamente.

Com relação ao que se deve ensinar em testes psicológicos, Sbardelini (1991) complementa que se devem ensinar testes psicológicos de forma que o aluno consiga refletir e pesquisar sobre os instrumentos. Nesse sentido, o papel do professor, ao ensinar técnicas de exame psicológico, é levar o aluno a entender como o instrumento em questão poderá servir para que ele compreenda concretamente a pessoa ele terá diante de si. Para que isto seja possível, não basta apenas que o usuário do teste se atenha aos resultados brutos ou transformados, mas é necessário um domínio da construção como um todo.

A Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) tem promovido eventos e encontros cujo objetivo é aprimorar a formação profissional. A ABEP e o CFP encaminharam ao Ministério da Educação propostas para

reformulação das diretrizes curriculares, as quais ainda estão sendo avaliadas. A expectativa do conselho é que sejam considerados os processos democráticos de construção das diretrizes para que, dentro em breve, possam ser apresentadas referências à comunidade psicológica (CFP, 2003a).

No que se refere às pesquisas que estudaram a formação profissional, Pereira (1972), Santos (1994) e Gonçalves e Bock (1996), investigaram a formação do psicólogo sob a perspectiva do aluno, embora com percursos metodológicos diferentes. Pereira (1972) constatou que os psicólogos não possuem uma imagem adequada das suas funções sociais e que tais funções não chegam a ser percebidas como sociais. Ainda de acordo com o autor, é reduzida a preocupação com a pesquisa, além de haver desinteresse dos cursos e dos profissionais por algumas áreas de aplicação da psicologia. Tomando como base o estudo de Santos (1994), Gonçalves e Bock (1996) investigaram as expectativas e a imagem que os alunos têm a respeito da psicologia, comparando desenhos de alunos de 1º e 5º anos. Os resultados indicaram não ter havido diferenças significativas entre os alunos. As autoras consideraram que a “universidade precisa avaliar e reestruturar sua atuação, formando profissionais qualificados, que assumam um compromisso de transformação da sociedade” (p.149).

Ainda no que se refere aos estudos sobre formação, Yamamoto, Siqueira e Oliveira (1997) realizaram uma pesquisa sobre a estrutura curricular de graduação em psicologia da Universidade Federal da Paraíba. O currículo daquela universidade é composto por seis disciplinas integrantes na área de avaliação psicológica. Os conteúdos oferecidos variam desde a apresentação da história da avaliação psicológica até precisão e validação dos instrumentos. Os testes enfocados são de inteligência, interesses, entrevistas e personalidade, por meio das técnicas projetivas. Para que ocorra a aprendizagem, são envolvidas algumas especificidades, ou seja, o embasamento teórico e a prática. Os testes são importantes até mesmo para confrontar-se com dados obtidos em entrevistas psicológicas, no sentido de facilitar o conhecimento da história vital do sujeito. A apresentação da disciplina em termos teóricos, aliada à vivência prática, contribui para uma boa qualidade do ensino na área.

Atualmente no Brasil, além das questões relacionadas à formação profissional e à formação

na área de avaliação, encontra-se em pauta a análise da qualidade dos testes pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001 e 2003b), a qual, por sua vez, representa um marco histórico na avaliação psicológica nacional, uma vez que esse processo vem acompanhado de uma série de avanços, como o aumento de pesquisadores, de publicações e de eventos científicos. De qualquer forma, vale apontar que as resoluções não foram avaliadas positivamente pela totalidade da comunidade científica e que a análise aqui exposta reflete o posicionamento das autoras.

Vale destacar que, para qualquer proposta de ensino ser pertinente, é necessário estar o instrumental psicológico disponível de acordo com critérios de qualidade, de forma que os instrumentos se tornem cada vez mais confiáveis e fortaleçam a credibilidade profissional, quando aplicados nos diferentes contextos. Tomando-se como referência as resoluções do CFP (2001, 2003), os testes devem conter fundamentação teórica, evidências empíricas de validade e precisão das interpretações propostas para os escores do teste, justificando os procedimentos específicos adotados na investigação. Além disso, devem trazer uma apresentação do sistema de correção e interpretação dos escores, explicando a lógica que fundamenta o procedimento.

Sabe-se que, tradicionalmente, a função básica dos testes psicológicos é medir as diferenças entre os indivíduos ou entre as reações de um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias. Hoje é necessário um conhecimento básico sobre os testes, não apenas por parte daqueles que os constroem como também daqueles que utilizam seus resultados como fonte de informações para tomar decisões sobre os outros (Anastasi & Urbina, 2000).

Infelizmente, muitos profissionais fazem ou fizeram uso inadequado dos testes psicológicos, o que gera movimentos de contestação desses instrumentos. O uso adequado dos testes está associado, dentre outros fatores, a uma formação consistente. De alguma forma, é esta a premissa que justifica a realização do presente trabalho, cujo objetivo é analisar o conhecimento que têm os estudantes de psicologia, comparativamente aos de engenharia, a respeito de conteúdos relativos à avaliação psicológica. Neste sentido, a participação dos estudantes de engenharia justifica-se em razão da possibilidade de se comparar um curso de ciências humanas com outro de ciências exatas.

MÉTODOS

Participantes

Participaram do presente estudo 193 sujeitos, provenientes de uma instituição privada de ensino do Interior paulista e organizados em dois grupos, a saber:

- G1: 47 estudantes do curso de engenharia, sendo 80,4% do sexo masculino e 19,6% do feminino. As idades desses sujeitos variaram de 19 a 41 anos, sendo a média 24,6 (DP 5,44). Os sujeitos cursavam da primeira à quinta série, no turno noturno.
- G2: 146 estudantes do curso de psicologia, sendo 85,6% do sexo feminino e 14,4% do masculino. As idades desses sujeitos variaram de 18 a 45 anos, ficando na média de 23,6 (DP 5,05). Os sujeitos cursavam do segundo ao décimo semestre, sendo 79,5% do curso noturno.

Material

Para o desenvolvimento do presente estudo foi elaborado um teste de conhecimentos de avaliação psicológica, contendo 35 questões com respostas dicotômicas (verdadeiro ou falso). Os itens do instrumento abrangiam questões sobre o conceito de avaliação psicológica, a aprendizagem e o uso de instrumentos (Anexo 1). A construção ficou sob a responsabilidade da primeira autora, sendo que dois especialistas na área participaram como juízes. Os itens foram elaborados tendo como referência a literatura sobre construção de testes e, mais especialmente, formação em avaliação psicológica. Ao lado disso, foram recuperados os artigos de pesquisa que investigaram a formação sob diferentes perspectivas, a saber: a proficiência, o conteúdo, metodologia de ensino, capacitação docente, dentre outros. Inicialmente foram elaborados 45 itens, que foram aplicados numa amostra de 342 sujeitos. Algumas questões foram retiradas e outras modificadas conforme consta do trabalho de Noronha e Alchieri (no prelo).

Procedimento

Após a devida autorização para a realização da pesquisa, o instrumento foi aplicado coletivamente em sala -de aula. Em seguida, os dados foram organizados numa planilha eletrônica (SPSS, versão 11,5). Os resultados foram analisados em relação aos acertos/erros, além de ser sido verificada a diferença entre os grupos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as respostas dos participantes de cada grupo em cada um dos itens do instrumento. As respostas esperadas estão destacadas em negrito.

Tabela 1. Porcentagem de respostas dos participantes dos grupos 1 e 2

	Engenharia			Psicologia		
	Verdadeiro	Falso	Total	Verdadeiro	Falso	Total
1	100		100	99,3	0,7	100
2	55,3	42,6	97,9	29,5	69,9	99,3
3	27,7	72,3	100	13	87	100
4	74,5	23,4	97,9	71,2	26	97,3
5	76,6	23,4	100	91,8	7,5	99,3
6	17	83	100	8,2	90,4	98,6
7	46,8	44,7	91,5	25,3	73,3	98,6
8	23,4	76,6	100	15,1	84,2	99,3
9	85,1	14,9	100	84,9	14,4	99,3
10	66	34	100	50	50	100
11	55,3	42,6	97,9	83,6	16,4	100
12	83	17	100	83,6	15,8	99,3
13	40,4	55,3	95,7	26,7	72,6	99,3
14	93,6	6,4	100	94,5	5,5	100
15	23,4	76,6	100	8,9	91,1	100
16	74,5	23,4	97,9	87,7	11,6	99,3
17	59,6	38,3	97,9	92,5	6,2	98,6
18	31,9	63,8	95,7	27,4	71,2	98,6
19	55,3	34	89,4	88,4	9,6	97,9
20	48,9	44,7	93,6	59,6	39,7	99,3
21	78,7	21,3	100	37,7	61	98,6
22	31,9	66	97,9	26,7	73,3	100
23	83	14,9	97,9	97,9	2,1	100
24	87,2	12,8	100	98,6	1,4	100
25	29,8	70,2	100	20,5	78,8	99,3
26	38,3	61,7	100	7,5	92,5	100
27	17	76,6	93,6	2,1	97,9	100
28	66	27,7	93,7	86,3	12,3	98,6
29	38,3	61,7	100	14,4	84,2	98,6
30	10,6	89,4	100		100	100
31	70,2	27,7	97,9	66,4	32,9	99,3
32	14,9	72,3	87,2	12,3	84,2	96,6
33	40,4	46,8	87,2	70,5	28,1	98,6
34	44,7	55,3	100	25,3	72,6	97,9
35	51,1	46,8	97,9	93,8	6,2	100

No que se refere aos acertos e erros dos grupos em cada questão, os resultados evidenciaram que o Grupo 1 apresentou melhor desempenho que o Grupo 2, em relação ao esperado, em seis questões, a saber: (1) *a avaliação psicológica é uma atividade importante para o profissional de psicologia*; (4) *a aprendizagem de testes é complexa*; (9) *os objetivos da avaliação são entendidos como conhecimento do sujeito e identificação do problema para a tomada de decisões*; (20) *a aprendizagem de testes é dificultada*

pela leitura de manuais de testes escritos em inglês; (28) penso que se deve aprender mais testes na faculdade e (31) a avaliação psicológica corresponde à verificação de um momento específico da vida do indivíduo. Vale destacar que, embora tenha havido esta diferença entre os grupos, apenas na questão 28 houve diferença significativa (Tabela 2).

Tabela 2. Teste de qui-quadrado em relação às respostas dos sujeitos em cada item do questionário

itens	Respostas válidas	p
1	193	0,569
2	191	0,001(*)
3	193	0,019(*)
4	188	0,702
5	192	0,003(*)
6	191	0,091
7	187	0,002(*)
8	192	0,194
9	192	0,945
10	193	0,056
11	192	0,000(*)
12	192	0,851
13	190	0,051
14	193	0,816
15	193	0,009(*)
16	191	0,042(*)
17	190	0,000(*)
18	189	0,474
19	185	0,000(*)
20	189	0,363
21	191	0,000(*)
22	192	0,438
23	192	0,000(*)
24	193	0,001(*)
25	192	0,197
26	193	0,000(*)
27	190	0,000 (*)
28	188	0,008 (*)
29	191	0,000 (*)
30	193	0,000 (*)
31	191	0,539
32	182	0,481
33	185	0,003 (*)
34	190	0,015 (*)
35	192	0,000 (*)

(*) significante ao nível de 0,05

Das questões destacadas anteriormente, algumas observações se fazem necessárias. No primeiro item, embora mais estudantes de engenharia tenham acertado a questão, a média entre os grupos foi muito pequena. A questão 28 envolve uma opinião

discutível, pois reflete uma vertente teórica, no presente estudo, apoiada pelo trabalho de Jacquemin (1995), apesar de não ser unânime.

Nos demais itens do questionário, o G2 obteve melhor desempenho que o G1, sendo que o teste de qui-quadrado entre as respostas dos sujeitos revelou que houve diferença significativa entre os grupos, a saber: (2) *testes psicológicos são sempre usados na avaliação clínica*; (3) *testes psicológicos nunca podem ser confiáveis*; (5) *os testes devem ser válidos*; (7) *em uma avaliação o psicólogo usa de 5 a 10 instrumentos de avaliação*; (11) *na padronização dos testes psicológicos devem ser usadas amostras nacionais*; (15) *os testes psicológicos são instrumentos pouco importantes na prática profissional do psicólogo*; (16) *testes possibilitam a avaliação das diferenças individuais*; (17) *testes psicológicos são instrumentos científicos*; (19) *parâmetros psicométricos referem-se à verificação de validade e precisão*; (21) *os testes são realmente aprendidos na prática clínica do psicólogo*; (23) *para usar um teste o profissional se deve ter domínio do instrumento*; (24) *alguns psicólogos usam testes sem o devido cuidado*; (26) *a aprendizagem de um teste é suficiente para generalizar conhecimentos para os demais*; (27) *o psicólogo não deve usar testes, pois eles reduzem o homem a números*; (29) *um psicólogo bom é aquele que conhece todos os testes psicológicos integralmente*; (30) *não adianta estudar testes, eles não servem para nada*; (33) *Psicometria é a ciência que estuda a medida psicológica; os testes, às vezes, devem ser precisos*; (35) *a avaliação psicológica é uma atividade exclusiva do psicólogo*.

Em duas questões, o desempenho de ambos os grupos foi baixo, conforme demonstrado na Tabela 2 (a aprendizagem de testes é dificultada pela leitura de manuais de testes escritos em inglês e penso que se deve aprender mais testes na faculdade). A primeira revela um grande desconhecimento a respeito do ensino de testes, considerando que atualmente instrumentos com manuais em inglês façam parte do plano de ensino de disciplinas de graduação; e a segunda, embora envolva uma opinião mais pessoal, é contrária à crença de que se deva priorizar, na formação básica, a qualidade do ensino, em detrimento da quantidade de testes a serem ensinados.

Aplicou-se o Teste *t* de Student a fim de se compararem as diferenças do desempenho dos grupos. Os resultados indicaram que houve diferença significativa entre eles.

Tabela 3. Teste t de Sudent em relação às médias dos grupos 1 e 2.

t	Sig.	Média	Intervalos de diferença	
			Menor	Maior
-3,250	,002	65,2914 (Engenharia)	58,7845	71,7984
		79,7400 (Psicologia)	73,4710	86,0090

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha como objetivo verificar a diferença entre grupos no que se refere ao conhecimento de conteúdos relativos à avaliação psicológica. Um grupo foi composto por estudantes de psicologia e outro de engenharia. Este trabalho é o terceiro (Noronha & Alchieri, no prelo; Noronha, Baldo, Barbin & Freitas, 2003) de uma série cujo objetivo é pesquisar a formação na área de avaliação psicológica, de forma a fomentar reflexões sobre apropriação de conteúdos, estratégias e metodologias de ensino, dentre outros aspectos. Inicialmente se poderia supor que os resultados seriam óbvios, mas não o foram.

Em algumas questões, aproximadamente um quinto da prova, o grupo de engenharia teve mais acertos que o de psicologia. As questões giravam em torno de dois temas, a saber: aprendizagem de testes e conceituação de avaliação psicológica. No primeiro, a possível justificativa que se encontra refere-se ao fato de que, embora a aprendizagem seja de avaliação psicológica e não de conteúdos específicos da engenharia, pode-se supor que não eram conceitos tão distantes da realidade que os estudantes engenheiros enfrentam. Já quanto ao segundo tema, ou seja, conceito de avaliação psicológica, as questões relacionavam-se à importância da avaliação psicológica para o profissional de psicologia e aos objetivos da avaliação. Parece complicado tentar justificar que estudantes de engenharia tenham acertado mais do que colegas de psicologia esses aspectos tão elementares ao psicólogo, embora a diferença tenha sido pequena e não significativa.

Em uma pesquisa desenvolvida com estudantes de 1ª e 5ª séries de psicologia, os resultados revelaram que o item sobre a importância da avaliação na prática do psicólogo teve acerto total entre os sujeitos (Noronha e cols., 2003), enquanto neste trabalho alguns sujeitos de psicologia, contrariamente aos de engenharia, não têm essa compreensão sobre a importância da avaliação. Em contrapartida, também no estudo de Noronha e cols. (2003), comparando sujeitos de diferentes séries, observou-se que a 1ª série acertou mais que a 5ª o item relacionado aos objetivos da avaliação, assim como no presente trabalho, no qual

estudantes de engenharia acertaram mais este item do que os de psicologia. Sabe-se que os conteúdos do questionário utilizado são contemplados em disciplinas de avaliação, embora não exijam grande sofisticação na aprendizagem; mas causa-nos estranheza o fato de alunos sem nenhum conhecimento em avaliação psicológica terem mais acertos em determinadas questões.

Nas outras questões, ou seja, em quatro quintos do teste, os estudantes de psicologia acertaram mais do que os outro grupo. Na verdade, esperava-se que em toda a prova alunos de psicologia tivessem mais acertos que os demais. Como se vê, os apontamentos de Jacquemin (1995), no sentido de se repensar a formação do psicólogo, sobretudo no que se refere à avaliação, são ainda atuais e necessários. Embora ainda não se tenha encontrado uma solução definitiva para a problemática da formação na área, parece imprescindível que continuem sendo desenvolvidos estudos objetivando um melhor entendimento das limitações e dificuldades encontradas no ensino de avaliação.

O presente trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, assim como não pretende fazer proposições precipitadas; apenas oferece dados de pesquisa que, somados a outros estudos, poderão colaborar para o avanço da formação em avaliação psicológica. De qualquer forma, é importante destacar que o instrumento usado na coleta de dados possui limitações, como já apontado na apresentação dos resultados, o que impede maiores generalizações.

REFERÊNCIAS

- Alchieri, J. C. & Bandeira, D. R. (2002). Ensino da avaliação psicológica no Brasil. Em R. Primi (Org.), *Temas em Avaliação Psicológica* (pp. 35-39). Campinas: Imprensa Digital do Brasil.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aribi, N. V. & Cavalini, S. F. S. (1999). Testes de nível intelectual: como e por que ensiná-los. *Anais do VIII Congresso Nacional de Avaliação Psicológica* (p. 62-68). Porto Alegre.
- Bastos, A.V. B. (2001). Rumos, problemas e dimensão pessoal da formação em psicologia. [Resumo]. *XXXI Reunião Anual de Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia* (p. 20).
- Calais, S. L. & Pacheco, E. M. C. (2001). Formação de psicólogos: análise curricular. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(1), 11-18.
- Conselho Federal de Psicologia (2001). Resolução nº 25/2001. Disponível em: <www.pol.org.br>. (Acessado em 12/2001).
- Conselho Federal de Psicologia (2003a). Resolução nº 25/2003. Disponível em: <www.pol.org.br>. (Acessado em 09/2003).

Conselho Federal de Psicologia (2003b, julho). Diretrizes curriculares: ensino com qualidade. *Jornal do Federal*, ano XVIII, nº 76, p. 17.

Cruz, R. M. & Alchieri, J. C. (2000). Ensino de avaliação psicológica frente às novas diretrizes curriculares: dados preliminares à elaboração de uma metodologia de acompanhamento dos currículos dos cursos de psicologia, com base das experiências da UFSC e UNISINOS. [Resumo]. *I Encontro Nacional da ABEP Psicologia e Realidade Brasileira: transformação* (p. 73). Belo Horizonte.

Gonçalves, M. G. M. & Bock, A. M. B. (1996). Desenhando a psicologia: uma reflexão sobre a formação do psicólogo. *Psicologia Revista*, 2, 141-150.

Jacquemin, A. (1995). Ensino e pesquisa sobre testes psicológicos. *Boletim de Psicologia*, XLV(102), 19-21.

Noronha, A. P. P. & Alchieri, J. C. (no prelo). Conhecimento em avaliação psicológica. *Estudos de Psicologia*.

Noronha, A. P. P.; Baldo, C. R.; Barbin, P. F. & Freitas, J. V. (2003). Conhecimento em avaliação psicológica: um estudo com estudantes de psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(2), 37-46.

Pereira, S. L. M. (1972). *As atividades profissionais do psicólogo em São Paulo*. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Universidade de São Paulo.

Pfromm Netto, S. (1991). *Psicológica e guia de estudo*. São Paulo: E. P. U.

Sbardelini, E. T. B. (1991). Os mitos que envolvem os testes psicológicos. *Documenta CRP-08*, 1(1), 53-57.

Santos, M. A. (1994). *O empório da intimidade: a psicologia que o aluno deseja encontrar no curso de formação*. Trabalho apresentado no II Encontro de Clínicas Escola PUC – SP. Ribeirão Preto.

Witter, C. (Org.) (1999). *Ensino de psicologia*. Campinas: Alínea.

Yamamoto, O. H., Siqueira, G. S., Oliveira, S. C. C. (1997). A psicologia no Rio Grande do Norte: caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. *Estudo de Psicologia*, 2(1), 73-85.

ANEXO 1

1. A avaliação psicológica é uma atividade importante para o profissional de Psicologia.
2. Testes psicológicos são sempre usados na avaliação clínica.
3. Testes psicológicos nunca podem ser confiáveis.
4. A aprendizagem de testes é complexa.
5. Os testes devem ser válidos.
6. A aprendizagem de testes deveria acontecer apenas no último ano do curso.
7. Em uma avaliação o psicólogo usa de 5 a 10 instrumentos de avaliação.
8. A aprendizagem de testes não é fundamental para o exercício profissional do psicólogo.
9. Os objetivos da avaliação são entendidos como conhecimento do sujeito e identificação do problema para a tomada de decisões.
10. Os testes eventualmente devem ser precisos.
11. Na padronização dos testes psicológicos devem ser usadas amostras nacionais.
12. A melhor maneira de aprender os testes psicológicos é por meio da aplicação prática do instrumento.
13. O uso do teste é obrigatório na avaliação.
14. A entrevista e a observação são técnicas de avaliação.
15. Os testes psicológicos são instrumentos pouco importantes na prática profissional do psicólogo.
16. Testes possibilitam a avaliação das diferenças individuais.
17. Testes psicológicos são instrumentos científicos.
18. A realização de avaliações psicológicas é recente na Psicologia.
19. Parâmetros psicométricos referem-se à verificação de validade e precisão.
20. A aprendizagem de testes é dificultada pela leitura de manuais de testes escritos em inglês.
21. Os testes são realmente aprendidos na prática clínica do psicólogo.
22. O estudante deve aprender nas disciplinas de avaliação psicológica apenas conceitos relativos à aplicação, correção e interpretação de testes.
23. Para usar um teste o profissional deve ter domínio do instrumento.
24. Alguns psicólogos usam testes sem o devido cuidado.
25. Uma vez que se aprende a aplicar um teste, nunca mais se esquece.
26. A aprendizagem de um teste é suficiente para generalizar conhecimentos para os demais instrumentos.
27. O psicólogo não deve usar testes, pois eles reduzem o homem a números.
28. Penso que se deve aprender mais testes na faculdade.
29. Um psicólogo bom é aquele que conhece todos os testes psicológicos integralmente.
30. Não adianta estudar testes, eles não servem para nada.
31. A avaliação psicológica corresponde a verificação de um momento específico da vida do indivíduo.
32. Existe no Brasil um maior número de testes psicológicos em relação a países mais desenvolvidos.
33. Psicometria é a ciência que estuda a medida psicológica.
34. Os testes, às vezes, devem ser precisos.
35. A avaliação psicológica é uma atividade exclusiva do psicólogo.

Recebido em 09/10/2003

Aceito em 16/04/2004

Endereço para correspondência: Ana Paula Porto Noronha. Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – Centro, CEP 13.251-900, Itatiba-SP.
E-mail: ana.noronha@saofrancisco.edu.br